

O GOSTO DO AMANHÃ

Naiane Vieira dos Reis¹

Sempre tive pressa do amanhã. Sentia o sabor tão intenso da promessa que chegava até mesmo a gozar o hoje. Viver o então era o preço pela esperança das profundas sensações futuras. Nem sempre da mesma maneira, nem sempre o mesmo hoje, mas era o amanhã o meu alento.

Começava a roupa sempre pelas miúdas, de algodão macio. Bastasse pôr nelas sabão de soda que chegue e sova na tábua que toda a sujeira se ia. No enxágue, um mergulho na correnteza já lhes tirava toda a água esbranquiçada. Eis o sinal de que estava pronta e limpa, sem mistérios de cuidado. Até para secar as pequenas peças não exigiam ciência. Eram muitas e consumiam quase o dia inteiro do repetitivo trabalho. Quanto mais as lavava, mais próxima ficava das calças jeans, com seu tecido grosso, lava cós, lava bainha, lava perna, lava bolso, vira do avesso. Ah, que alegria de feitura! Até mesmo no enxágue o jeans se apresentava único, cheio de exigências para finalmente ir ao varal. Sua secagem exigia desvelados cuidados de vira, vira, pendura pelo cós senão não seca, não, é melhor que ponha as barras para cima. Sempre era tomada de apreensão. Finalmente, gozava o serviço prazeroso.

Outros eram mais difusos. Buscar água na fonte. Tinha lá um balde de sal para gado que me servia de recipiente. Eram 20 litros carregados ladeira acima. Punha-o nos ombros para conseguir maior manejo. O fundo do balde lançava-se sobre a minha pele com a ambição de rompê-la. Tantas vezes teve sucesso na empreitada e eu o tirava enfeitado de vermelho sobre mim. Me sentia menor, como se o peso tivesse forçado os meus ossos a diminuírem, e a boca amargava depois do destemperado esforço. Mas eu sequer vivia o martírio de pensar na façanha. Antes mesmo de alcançar o balde, vislumbrava o cheiro da terra molhada, a alface crescendo, o almoço alegrado pelos alimentos que cultivei. O amanhã era tanto que invadia o então e o inundava de prazer esperançoso. Sorria secretamente com tamanhas promessas.

Antes ainda, tinha mais pressa e desejo de amanhã. Preparava a arapuca com os gravetos e cipós. Depois de pronta, repousava ao sol para o modo de ficar no jeito, firme, com tudo assentado, ajustado. Tinha medo da jiboia, mas outros monstros assustavam mais.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (PPGL/UFT). Publica regularmente contos e crônicas. E-mail: naianevieira@uft.edu.br

Colocava a arapuca na cabeça, pegava um punhado de arroz na palha e enfrentava a mata. Ainda não sabia de letras, mas entendia de bicho e de mato. Tratavam-se de muitos ontens para chegar no então. Então, às sete da manhã, o amanhã ia embora com nenhuma lambu na armadilha tão longamente preparada. O amanhã de agorinha meio-dia era um martírio. Primeiro, comia a banana frita. Meu estômago faminto era exigente e não queria aceitar tanta doçura depois de horas de abandono. Nessa época, também sabia ler cara de mãe, que ficava escondida para que os pequenos não se envergonhassem de comer a única mistura. Da banana e do arroz, nenhum muito me agradava, mas primeiro ia mais intragável. Arroz não era o prazer do amanhã, mas sinalizava que não ia ser prior do que o agora. Primeiro a banana, depois o arroz. Nesse ontem, o amanhã era mais difícil, porque incerto. Eu esperava pelo amanhã, sem prazer, mas com a alegria morna de que não seria igual ao agora.

*Recebido em 20 de janeiro de 2019.
Aceito para publicação em 31 de maio de 2019.*